

O espaço histórico-educativo luso-brasileiro (Subsección para Brasil)

Incluir uma subseção sobre o espaço histórico-educativo brasileiro na revista *Sarmiento* representa um passo importante na consolidação do intercâmbio internacional entre as duas comunidades acadêmicas e evidencia o estreitamento de laços de amizade e de trabalho que, nos últimos 10 anos, têm permitido o trânsito de investigadores e a aproximação de objetos de pesquisa em história da educação nos dois lados do Atlântico. Assinar esta coluna constitui-se, por certo, em uma grande responsabilidade. Impõe selecionar na ampla gama de publicações brasileiras, algumas poucas obras, sobre as quais se irá oferecer uma breve notícia ao público da Galícia. A isso se soma o ímpeto em divulgar os debates históricos dominantes e os Congressos realizados ou que se avizinham. A iniciativa permite que não apenas os livros, mas os panoramas historiográficos venham a ser conhecidos, ampliando o espectro das trocas existentes e gestando novas possibilidades de ações conjuntas.

Para responder a essa incumbência, decidi organizar esta nota em três partes. Na primeira, detenho-me nos Congressos nacionais e internacionais, ocorridos ou em organização no Brasil. A seguir examino um dos principais temas que têm mobilizado a comunidade brasileira de historiadores da educação: a preservação do patrimônio educativo. Por fim, detenho-me em algumas publicações saídas a lume recentemente.

Os Congressos Internacionais e Nacionais.

Neste ano que recua retrospectivamente a meados de 2009, ocorreram dois

certames internacionais, um encontro nacional e seis eventos regionais no Brasil: todos voltados estritamente à área de história da educação. Nos próximos meses, três outros eventos, um de natureza regional e dois nacionais, serão ainda realizados. A multiplicação dos fóruns de socialização sinaliza para o crescimento da comunidade científica e o adensamento da pesquisa no campo. Indicia ainda a variedade de temáticas e abordagens e o cuidado com o estudo das singularidades regionais.

No que concerne aos eventos de âmbito internacional, a Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) organizou entre 16 e 19 de novembro de 2009, a nona edição do Congreso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana (CIHELA), na cidade do Rio de Janeiro. O certame reuniu 1.265 pesquisadores, provenientes da América Latina (Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, México, Peru, Uruguai e Venezuela), América do Norte (Canadá e EUA) e Europa (Alemanha, Bélgica, Espanha e Portugal) e teve por tema central “Educação, autonomia e identidades na América Latina”, deslançando a reflexão suscitada com a proximidade do bicentenário das independências coloniais. Entre 22 e 25 de agosto, aconteceu o VIII Congresso Lusobrasileiro de História da Educação, na cidade de São Luis, no Maranhão: iniciativa solidária da Seção de História da Educação da Sociedade Portuguesa de Educação e do GT História da Educação da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Intitulado “Infância, juventude e relações de gênero na história da educação”, o evento recebeu 1.402 propostas.

Em âmbito nacional tivemos o VIII Seminário Nacional do Grupo de Estudos

e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”, nos dias 30 de junho a 03 de julho de 2009 em Campinas. Nos meses vindouros, acolheremos, entre 17 e 20 de outubro, a 33ª. Reunião Anual da ANPEd, constituída por 23 Grupos de Trabalho, sendo o mais antigo o GT História da Educação. Aguarda-se para o período de 16 a 19 de maio de 2011, na cidade de Vitória, no Espírito Santo, o *VI Congresso Brasileiro de História da Educação*, promovido pela SBHE, tendo por tema central “O ensino e a pesquisa em História da Educação”.

Em circunscrição regional, ocorreram o V Congresso de Pesquisa e Ensino de História da Educação em Minas Gerais (de 05 a 07 de maio de 2009, em Montes Claros); o VIII Encontro Cearense de Historiadores da Educação (de 25 a 28 de maio de 2009, em Fortaleza); os *II e III Encontros Maranhense de História da Educação* (de 19 a 22 de maio de 2009 e de 11 a 14 de maio de 2010, ambos em São Luis); o *III Encontro Norte/Nordeste de História da Educação/ X Colóquio de História da Educação da Bahia* (de 22 a 24 de março de 2010 em Salvador); e o II Encontro de História da Educação do Estado do Rio de Janeiro (de 13 a 15 de setembro de 2010, no Rio de Janeiro). Espera-se para os dias 24 a 26 de novembro de 2010 a 16ª edição do Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, promovido pela Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE).

O patrimônio educativo: questões em debate

O título escolhido para este último certame, “ASPHE 15 anos: Patrimônio & História da Educação”, evidencia a impor-

tância que a problemática vem assumindo no campo. Não se pode afirmar que a preocupação com a salvaguarda do patrimônio educativo no Brasil seja recente. Registram-se iniciativas dessa natureza já nos anos 1980. No entanto, tem crescido seu apelo no seio da comunidade de historiadores da educação.

Os primeiros movimentos no sentido de dar vazão a essas inquietações no Brasil emergiram com a abertura política. No âmbito das reuniões do GT História da Educação da ANPEd, tomaram forma de clamor pela ampliação das fontes disponíveis à pesquisa e pela discussão metodológica. O empreendimento veio acompanhado da criação de Centros de Memória da Educação, como o constituído na Faculdade de Educação da USP em 1993; Museus da Escola, como o inaugurado em Minas Gerais em 1994, só para citar os mais antigos. Grupos de pesquisa também investiram em ações de preservação documental, a mais remota delas foi desenvolvida pelo HISTEDBR, com o projeto nacional “Levantamento e Catalogação de Fontes Primárias e Secundárias da Educação Brasileira”, coordenado por Dermeval Saviani.

Paulatinamente, surgiram outras iniciativas, como o Centro de Memória da Educação da UNICAMP, o Museu da Escola Catarinense, o Centro Cultural Professor Waldemar Saffioti da UNESP-Araraquara, o Museu Guido Straube em Curitiba; outros projetos foram sendo propostos, como a “Pesquisa sobre o Ensino Público Profissional no Estado de São Paulo: Memória Institucional e as Transformações Histórico-Espaciais Regionais”, Convênio CME/ Centro Paula Souza, realizada sob a liderança de Carmen Sylvia Vidigal de Moraes. Testemunhavam a preocupação

da subárea com o recolhimento de documentação sobre o passado da escola brasileira. Manifestavam, também, o anseio em criar condições de guarda documental, fosse em Universidades, em instituições ligadas ao poder público ou mesmo em escolas. Nesse movimento, assumiram relevo os arquivos escolares, tanto no que permitiam acolher os documentos escolares compreendidos como produtos de atividades-meio e atividades-fim da escola; quanto como lócus capazes de propiciar a formação cidadã.

Na consolidação dessas iniciativas, cada vez mais se tornou urgente o diálogo com a Arquivística e a Museologia, no reconhecimento da necessidade de aprendizagem técnica e na premência em fortalecer a discussão teórica acerca da preservação da cultura (material e imaterial). O percurso foi ampliado pelo destaque ao debate internacional, incitando ao intercâmbio com instituições e pesquisadores estrangeiros dedicados à temática. No espaço lusófono, o projeto para um Museu Vivo da Escola Primária, abraçado por Margarida Felgueiras, e a Rede de Museus Escolares de Portoalegre, iniciada por Maria João Mogarro, foram os primeiros a despertar interesse no campo. As experiências no território espanhol do MUPEGA, do CEINCE e do Arxiu Nacional de Catalunya tiveram também impacto sobre a produção brasileira. Como decorrência desse movimento, foi criada a Rede Iberoamericana de difusão e preservação do patrimônio histórico-educativo (RIDPHE), no VIII CIHELA (2007), em uma proposta conjunta de Vicente Peña Saavedra e Maria Cristina Menezes.

O adensamento da reflexão impulsionou a SBHE a elaborar, em 2010, um documento síntese dessas iniciativas para

envio à IV Conferência Nacional de Ciência Tecnologia e Inovação. Redigida por Maria Teresa Santos Cunha e Diana Vidal, a carta traçava duas propostas de políticas públicas nacionais para a subárea. A primeira, “unidade de orientação para a guarda da documentação escolar”, objetiva a revisão das normas que regulam a retenção e descarte de documentos escolares, de modo a homogeneizar o tratamento documental dado pelas escolas e salvaguardar vestígios do exercício cotidiano de ensino e aprendizagem instalado na instituição. Prevê a participação de representantes de diversos âmbitos (unidades escolares, secretarias de educação, universidades), nas suas diferentes esferas (federal, estaduais e municipais), e distintas áreas de conhecimento (Arquivologia, Museologia e Biblioteconomia) na confecção de diretrizes e instrumentos de trabalho.

A segunda, “linhas de apoio e fomento às ações de pesquisa e intervenção relacionadas à preservação do patrimônio educacional e à promoção de práticas de cidadania”, pretende garantir uma política de auxílio à promoção de eventos científicos e realização de mapeamento dos fundos pertinentes à História da Educação; bem como de incitamento ao engajamento efetivo de professores da educação básica em projetos de investigação e de interferência nas práticas escolares.

A repercussão imediata ao documento foi pequena por parte dos poderes públicos. No entanto, sua proposição explicita a insistência da comunidade brasileira de historiadores da educação no debate sobre a problemática e a sua inventividade na multiplicação dos modos de intervenção na esfera política.

Publicações

Os dados mais recentes disponíveis apontam que entre 2004 e 2006, existiam no Brasil, 78 Programas de Pós-Graduação em Educação. No mesmo período, foram defendidos 1.295 Doutorados e 6.070 Mestrados. Estes números, por certo, não se restringem à História da Educação, mas indiciam a magnitude da produção científica brasileira na arena educacional. Uma outra aproximação pode ser intentada para permitir avaliar a investigação realizada na subárea. Em levantamento efetuado apenas para o estado de São Paulo, que congrega 17 desses Programas, para o interregno de 2001 a 2003, foram identificados 35 Doutorados e 56 Mestrados concluídos em História da Educação.

A profusão de trabalhos elaborados (além de sinalizar para as dificuldades enfrentadas por quem procura dar uma visão de conjunto da produção histórica em educação no Brasil) incitou o investimento do campo em coligar as pesquisas realizadas nos 26 estados da federação, oferecendo sínteses que tanto servem a renovar o ensino na disciplina quanto a emular comparações entre as regiões brasileiras. Ao mesmo tempo, estimulou investigadores confirmados a proporem manuais escolares, voltados à formação nas Faculdades de Educação, sistematizando os novos achados da pesquisa. Estas duas iniciativas têm revigorado a produção bibliográfica em História da Educação no Brasil e sobre elas vou me deter nesta seção, reconhecendo que muito mais poderia ser abordado sobre as publicações brasileiras na subárea.

Agregando as pesquisas dispersas no território nacional e pretendendo compor

um amplo panorama sobre a escola graduada brasileira, em 2006, saiu a lume o livro *Grupos Escolares: Cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil* (Campinas: Mercado de Letras), organizado por Diana Gonçalves Vidal. Compunha-se de 15 capítulos, reunindo 20 autores, com estudos acerca de 11 diferentes estados brasileiros, aos quais se associava um artigo sobre a escola graduada em Portugal, de autoria de Margarida Felgueiras e Elizabeth Poubel e Silva, e um balanço crítico sobre a problemática, redigido por Rosa Fátima de Souza e Luciano Mendes de Faria Filho⁹. Mantendo o mesmo princípio, dois anos mais tarde, José Carlos Souza Araújo, Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas e Antônio de Pádua Carvalho Lopes lançaram *As escolas normais no Brasil* (Campinas: Alínea). Constituíam-se por 22 capítulos, contemplando 17 estados e congregando 31 autores¹⁰, em um arco temporal que se estende de 1835 a 1960.

O lançamento da coleção *Horizontes da Pesquisa em História da Educação no*

⁹ Os demais autores são: Antônio de Pádua Carvalho Lopes, Antonio Carlos Ferreira Pinheiro, Jorge Carvalho do Nascimento, Lucia Maria da Franca Rocha, Maria Lêda Ribeiro de Barros, José Carlos Souza Araújo, Lola Yazbeck, Sônia Câmara, Raphael Barros, Marcus Levy Albino Bencostta, Maria Isabel Moura Nascimento e Vera Lucia Gaspar da Silva.

¹⁰ São eles: Heloisa Villela, Lucia Franca Rocha, Nicanor Palhares Sá, Elisabeth Figueiredo de Sá, Márcia Hilsdorf Dias, Maria Lucia Hilsdorf, Antonio de Pádua Lopes, Flavia Werle, Maria Elisabeth Blanck Miguel, Anamaria B. de Freitas, Jorge Carvalho do Nascimento, Regina Helena Simões, Cleonara Maria Schwartz, Sebastião Franco, Marta Araújo, Luciene Aquino, Thais de Lima, Maria Goretti Pereira e Silva, Liéte Acácio, Diana Vidal, Maria das Dores Daros, Leziany Daniel, Wojciech Kulesza, Iria Brzezinski, Diomar Motta, Ivan Nunes, Ester Carvalho do Nascimento, José Carlos Araújo, Margarita Rodriguez, Regina Cestari de Oliveira e Eva Pereira.

Brasil, em 2011, irá alargar de maneira substantiva essa incursão. Fruto da parceria entre a SBHE e a Editora da Universidade Federal do Espírito Santo, a coleção contém dez volumes temáticos, a saber: 1) Gênero, etnia e movimentos sociais na história da educação brasileira; 2) Práticas escolares e processos educativos: Currículo, disciplinas e instituições escolares; 3) História da profissão docente no Brasil; 4) História das culturas escolares no Brasil; 5) Intelectuais e história da educação no Brasil; 6) Estado e políticas educacionais na história da educação brasileira; 7) A educação na corte e nas províncias; 8) O Ensino de História da Educação; 9) Fontes e métodos em História da Educação; e 10) História da Infância no Brasil. Cada volume está sendo organizado por pesquisadores de larga trajetória no campo. Com o empreendimento, a Sociedade Brasileira de História da Educação visa comemorar os 10 anos de sua criação.

Dirigidos principalmente a subsidiar o ensino da disciplina História da Educação nos cursos de formação docente e incorporando a renovação das análises no campo, propiciada pelo fortalecimento da Pós-Graduação, os manuais escolares captaram a atenção de investigadores brasileiros. Uma nova onda de publicações dessa natureza emergiu no Brasil, nos últimos 7 anos. Destacam-se os livros de autoria de Maria Lucia Hilsdorf, *História da Educação Brasileira: leituras* (São Paulo: Thomson, 2003) e *O aparecimento da escola moderna* (Belo Horizonte: Autêntica, 2006). Desta autora, aliás, registra-se, já em 1998, o título *Pensando a educação nos tempos modernos* (São Paulo: EDUSP) que abriu a nova vaga. A ele, seguiram-se os três volumes de *Histórias e memórias da educação*

no Brasil (Petrópolis: Vozes, 2004 e 2005), organizados por Maria Helena Bastos e Maria Stephanou. Foram lançados também livros de autoria de Cynthia Greive Veiga, *História da Educação* (São Paulo: Ática, 2007); Dermeval Saviani, *História das idéias pedagógicas no Brasil* (Campinas: Autores, 2007); e Rosa Fátima de Souza, *História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX* (São Paulo: Cortez, 2008). Apenas no ano de 2009, publicaram-se os seguintes títulos: *História social da educação no Brasil (1926-1996)*, de Marcos César de Freitas e Maurilane Biccias; *Educação, poder e sociedade no Império brasileiro*, de José Gondra e Alessandra Schueler; *História inacabada do analfabetismo no Brasil*, de Alceu Ferraro; e *História da profissão docente no Brasil: representações em disputa*, Rosário Lugli e Paula Vicentini: todos pela editora Cortez (São Paulo).

As duas linhas de investimento testemunham o reconhecimento por parte da comunidade de historiadores da educação da ampliação recente do repertório de temas e períodos abordados no campo. Simultaneamente, indicam a preocupação dessa mesma comunidade em estabelecer princípios de ordenação e encadeamento aos novos aportes trazidos pela pesquisa, de modo a superar a fragmentação e dispersão das interpretações. A leitura dessas obras permite identificar uma cartografia dos objetos estudados, das linhas de investigação e das correntes teórico-metodológicas que sustentam a produção científica atual. Na exploração desses contornos, dois livros podem ser de grande valia.

O primeiro, *Pesquisa em história da educação no Brasil* (Rio de Janeiro, DP&A, 2005), organizado por José Gonçalves

Gondra congrega balanços sobre a produção na subárea realizados para a região Sudeste, com detalhe para os estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo e Minas Gerais, e para as regiões Sul, Centro-Oeste, Norte e Nordeste¹¹, oferecendo um amplo panorama sobre os interesses de investigação e as formas de abordagem, em que se destacam o apreço pela cultura escolar; profissão docente; idéias, instituições e imprensa pedagógicas, no período que abarca de 1850 a 1950. O segundo, *Pensadores sociais e história da educação*, organizado por Luciano Mendes de Faria Filho (Belo Horizonte, Autêntica, 2005), apresenta estudos sobre as principais referências teóricas utilizadas na escrita da História da Educação no Brasil - Marx, Freud, Durkheim, Gramsci, Walter Benjamin, Bakhtin, Vygotsky, Norbert Elias, Hannah Arendt, E.P. Thompson, Michel de Certeau, Michel Foucault e os brasileiros Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Florestan Fernandes¹²-, procurando desenhar suas apropriações pelo campo e indiciar a abrangência de seu uso.

Os eventos e obras, aqui, brevemente noticiados não esgotam o espectro das

informações que poderiam ser oferecidas sobre o espaço histórico-educativo brasileiro. Há ainda muito a comentar. No entanto, minha expectativa é que esta primeira incursão venha a coadjuvar na ampliação do intercâmbio e no estreitamento dos laços de amizade e trabalho que unem as comunidades brasileira e galega de historiadores da educação.

Diana Gonçalves Vidal

¹¹ Os capítulos são assinados por Clarice Nunes, Marta Carvalho, Denice Catani, Luciano Mendes de Faria Filho, Claudia Alves, Diana Vidal, Para Vicentini, Katiene da Silva, José Cláudio Sooma Silva, Irlen Gonçalves, Sandra Caldeira, Maria Helena Bastos, Marcus Levy Nencostta, Marta Araújo, Nicanor Palhares Sá, Elizabeth Madureira Siqueira, Regina Helena Simões e Sebastião Franco.

¹² Assinam os capítulo: Elomar Tambara, Maria Madalena Assunção, Bruno Bontempi Junior, Carlos Eduardo Viera, Clarice Nunes, Maria Rita Toledo, Maria Cristina Gouvêa, Carlos Henrique Gerken, Cynthia Veiga, Marcos Cezar Freitas, Thais Nívea de Lima e Fonseca, Eliane Marta Teixeira Lopes, Marcus Vinicius da Cunha, Luciano Mendes de Faria Filho, Diana Vidal e José Gondra.